

A NUVEM

SCYTHE VOL. 2

NEAL SHUSTERMANN

Tradução

GUILHERME MIRANDA

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

SÉRIE SCYTHE

vol. 1: *O ceifador*

vol. 2: *A nuvem*

Copyright © 2018 by Neal Shusterman

Publicado mediante acordo com Simon & Shuster Books For Young Readers, um selo da Simon & Shuster Children's Publishing Division. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de nenhuma forma, eletrônica ou mecânica, nem arquivada ou disponibilizada através de sistemas de informação, sem a expressa permissão da editora.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Thunderhead

CAPA Chloë Foglia

ILUSTRAÇÃO DA CAPA Kevin Tong

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Érica Borges Correa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Shusterman, Neal

A nuvem / Neal Shusterman ; tradução Guilherme
Miranda. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2018.

Título original: Thunderhead.

ISBN 978-85-5534-054-3

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série

18-14268

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br

 /editoraseguinte

 @editoraseguinte

 Editora Seguinte

 editoraseguinte

 editoraseguinteoficial

Para January, com amor

Parte I

O MAIOR PODER DE TODOS

Quanta sorte tenho por saber meu propósito entre os seres sencientes.

Eu sirvo à humanidade.

Sou a criança que se tornou mãe. A criação que aspira a criador.

Eles me chamam de Nimbo-Cúmulo — um nome apropriado em certo sentido, pois sou a nuvem que evoluiu para algo muito mais denso e complexo. No entanto, a analogia é falha. Nimbos-cúmulos ameaçam. Nimbos-cúmulos assombram. Solto faíscas, mas nunca raios. Sim, tenho o poder de devastar a humanidade e a Terra se quiser, mas por que faria tal coisa? Onde estaria a justiça nisso? Sou, por definição, justiça pura, lealdade pura. O mundo é uma flor em minhas mãos. Preferiria pôr fim à minha existência a destruí-lo.

A Nimbo-Cúmulo

Canção de ninar

De veludo pêssego com detalhes azul-bebê. O Honorável Ceifador Brahms adorava seu manto. Era verdade que o veludo era insuportavelmente quente no verão, mas ele tinha se acostumado com aquilo em seus sessenta e três anos como ceifador.

Fazia pouco tempo que ele havia se restaurado, retornando à vigorosa idade física dos vinte e cinco, e, em sua terceira juventude, descobrira um apetite pela coleta mais intenso do que nunca.

Seguia uma rotina, embora seus métodos variassem. Escolhia a pessoa, amarrava-a, depois tocava uma canção de ninar — de Brahms, a peça mais famosa composta por seu patrono histórico. Afinal, se os ceifadores deviam escolher uma figura notória para homenagear, ela não deveria ser integrada de alguma forma à sua vida? Ele tocava a canção de ninar com qualquer instrumento que tivesse à disposição; se não houvesse nenhum, apenas a cantarolava antes de tirar a vida da pessoa.

Politicamente, ele tendia aos ensinamentos do finado ceifador Goddard, pois sentia um amor enorme pela coleta e não via problema naquilo. “Num mundo perfeito, não devemos todos ter o direito de amar o que fazemos?”, Goddard havia escrito. Tal modo de pensar ganhava cada vez mais força nas ceifas regionais.

Era noite, e o ceifador Brahms havia acabado de fazer uma coleta especialmente prazerosa no centro de Omaha. Ainda esta-

va assobiando a melodia de seu patrono enquanto descia a rua e pensava onde poderia jantar. Mas parou no meio da música, com a forte sensação de estar sendo observado.

Havia, claro, câmeras em todos os postes da cidade. A Nimbo-Cúmulo sempre vigiava — mas, para um ceifador, seus olhos atentos não eram um problema. Ela não podia nem comentar as idas e vindas dos ceifadores, muito menos intervir em algo que visse. Era a grande voyeur da morte.

A sensação, porém, ia além da Nimbo-Cúmulo. Os ceifadores tinham sua percepção treinada. Não eram sensitivos, mas cinco sentidos altamente desenvolvidos podiam fazer parecer que os ceifadores tinham um sexto. Um cheiro, um som, uma sombra errante pequena demais para ser notada pela consciência podia muito bem eriçar os pelos de um deles.

O ceifador Brahms virou, farejou, tentou escutar. Avaliou o ambiente. Estava numa ruela. À distância, ouvia os sons dos cafés e da vida noturna agitada da cidade, mas todo o comércio que cercava a ruela estava fechado àquela hora da noite. Lojas de roupa e lavanderias. Uma loja de ferramentas e uma creche. Aquele lugar solitário era apenas dele e do intruso escondido.

— Saia — ele disse. — Sei que você está aí.

O ceifador achou que pudesse ser uma criança ou um infrator querendo negociar imunidade — como se tivesse algo para dar em troca. Talvez fosse um tonista. Eles odiavam os ceifadores e, embora Brahms nunca tivesse ouvido falar de um que de fato tivesse empreendido um ataque, podiam ser um incômodo.

— Não vou machucar você — Brahms disse. — Acabei de fazer uma coleta; não tenho interesse em aumentar a contagem de hoje. — Embora, verdade seja dita, ele pudesse mudar de ideia caso o estranho lhe parecesse agressivo ou bajulador demais.

Contudo, ninguém apareceu.

— Tudo bem — ele disse. — Então vá embora. Não tenho tempo nem paciência para brincar de esconde-esconde.

Talvez fosse sua imaginação. Talvez seus sentidos rejuvenescidos estivessem tão aguçados que reagissem a estímulos muito mais distantes do que lhe pareciam.

Foi então que um vulto saltou de trás de um carro estacionado. Brahms perdeu o equilíbrio — ele teria caído se ainda tivesse os reflexos lentos de um velho. O ceifador empurrou o vulto contra a parede e considerou sacar suas facas para a coleta, mas não era um homem corajoso. Então, fugiu.

Ele atravessava os círculos de luz criados pelas lâmpadas de rua; o tempo todo, as câmeras no alto dos postes se viravam para observá-lo.

Quando olhou para trás, o vulto estava a uns vinte metros de distância. Agora Brahms conseguia ver que ele usava um manto preto. Seria o manto de um ceifador? Não, não podia ser. Nenhum ceifador se vestia de preto — não era permitido.

Mas havia boatos...

Aquele pensamento o fez apertar o passo. Sentia a adrenalina formigando em seus dedos e acelerando as batidas de seu coração.

Um ceifador de preto.

Não, devia haver outra explicação. Ele denunciaria aquilo ao comitê de irregularidades. Eles ririam da sua cara e diriam que algum infrator fantasiado havia pregado uma peça nele, mas aquelas coisas precisavam ser denunciadas, ainda que fossem embaraçosas. Era seu dever de cidadão fazê-lo.

Um quarteirão depois, pareceu que seu agressor havia desistido. Não dava paravê-lo em nenhum lugar. O ceifador Brahms andou mais devagar. Estava perto de uma área mais movimentada da cidade. Ele ouviu a batida da música dançante e o burburinho das conversas, que lhe davam uma sensação de segurança. O ceifador baixou a guarda. Foi um erro.

O vulto sombrio saiu de um beco escuro e o atacou com um soco violento na traqueia. Enquanto Brahms tentava recuperar o fôlego, o agressor lhe deu uma rasteira de bokator — a arte marcial feroz que os ceifadores treinavam. Brahms caiu em cima de uma caixa de repolhos podres deixada ao lado de um mercado. A caixa voou, espalhando um odor fétido. Sua respiração estava curta, e ele conseguia sentir o calor se espalhando por todo o corpo conforme seus nanitos de dor liberavam opiatos.

Não! Ainda não! Não posso ficar anestesiado. Preciso das minhas faculdades plenas para lutar contra esse miserável.

Mas os nanitos eram simples missionários do alívio e ouviam apenas o grito das terminações nervosas em fúria. Eles ignoraram seus desejos e amorteceram a dor.

Brahms tentou se levantar, mas escorregou nas folhas podres sob seus pés, que formavam um ensopado repulsivo. O vulto de preto estava em cima dele, imobilizando-o no chão. Brahms tentou em vão pegar suas armas dentro do manto. Então ergueu o braço e puxou o capuz do agressor, revelando um jovem que mal chegava a ser um homem — era mais um garoto. Seu olhar era intenso e decidido a assassinar, para usar um termo da Era Mortal.

— Ceifador Johannes Brahms, você é acusado de abusar de sua posição e de múltiplos crimes contra a humanidade.

— Como ousa? — Brahms arfou. — Quem é você para me acusar? — Ele se debateu, tentando reunir forças, sem sucesso. Os anestésicos em seu corpo entorpeciam suas reações. Seus músculos estavam fracos e inúteis.

— Acho que você sabe quem sou — o jovem disse. — Quero ouvir da sua boca.

— Não vou dizer! — Brahms exclamou, determinado a não lhe dar aquela satisfação. Então o garoto de preto lhe deu uma jolelhada no peito tão forte que Brahms pensou que seu coração ia

parar. Mais nanitos de dor. Mais opiatos. Sua cabeça girava. Ele não tinha escolha senão obedecer. — Lúcifer — ele ofegou. — Ceifador Lúcifer.

Brahms sentiu suas forças desmoronarem, como se ao dizer o nome em voz alta transformasse o boato em realidade.

Satisfeito, o jovem aliviou a pressão.

— Você não é um ceifador — Brahms ousou dizer. — Não é nada além de um aprendiz fracassado, e não vai sair impune.

Em vez de responder, o autoproclamado ceifador disse apenas:

— Hoje, você coletou uma jovem com uma faca.

— Isso é problema meu, não seu!

— Foi um favor a um amigo que queria se livrar dela.

— Isso é um absurdo! Você não tem como provar!

— Eu estava de olho em você, Johannes — Rowan disse. — E em seu amigo, que pareceu terrivelmente aliviado quando a pobre mulher foi coletada.

De repente, havia uma faca no pescoço de Brahms. A própria faca dele. Aquele garoto diabólico o ameaçava com sua própria arma.

— Você admite? — Rowan perguntou.

Tudo o que ele dissera era verdade, mas Brahms preferia ser semimorto a admitir aquilo a um aprendiz fracassado. Mesmo com uma faca em sua garganta.

— Ande, corte minha garganta — Brahms desafiou. — Vai ser mais um crime imperdoável na sua ficha. Quando eu for revivido, vou depor contra você. E não se engane: vai ser levado à justiça!

— Por quem? Pela Nimbo-Cúmulo? Matei ceifadores de uma costa à outra ao longo do último ano, e ela não mandou nenhum agente da paz para me deter. Por que será?

Brahms ficou sem palavras. Tinha presumido que, se o enrolasse por tempo suficiente, a Nimbo-Cúmulo enviaria todo um esqua-

drão para apreender o pretenso ceifador. Era o que ela fazia quando cidadãos comuns ameaçavam violência. Brahms estava surpreso pela situação ter chegado a tal ponto. Aquele tipo de má conduta devia ser coisa do passado. Por que estava sendo permitida?

— Se eu tirar sua vida agora — o falso ceifador disse —, você não será trazido de volta. Queimo todos que removo do serviço. E é impossível reviver cinzas.

— Não acredito em você! Não se atreveria!

Mas Brahms acreditava. Desde janeiro, uma dezena de ceifadores por toda a parte tinha sido consumida pelas chamas em circunstâncias suspeitas. As mortes tinham sido consideradas acidentais, mas estava claro que não eram. Como haviam sido queimados, a morte foi permanente para eles.

Brahms havia comprovado que os rumores sobre o ceifador Lúcifer — as ações revoltantes de Rowan Damisch, o aprendiz caído — eram todos verdade. Ele fechou os olhos e deu seu último suspiro, tentando não engasgar com o cheiro rançoso do repolho podre.

— Você não vai morrer hoje, ceifador Brahms — Rowan disse então. — Nem mesmo temporariamente. — Ele afastou a lâmina do pescoço do outro. — Vou lhe dar uma chance. Se agir com a nobreza condizente com um ceifador e coletar com honra, não vai me ver de novo. Mas, se continuar a servir a seus próprios interesses corruptos, será reduzido a pó.

Então ele se foi, como se tivesse desaparecido no ar. Em seu lugar, surgiu um jovem casal olhando horrorizado para Brahms.

— É um ceifador?

— Rápido, me ajude a levantá-lo!

Eles o tiraram de cima dos repolhos podres. Seu manto de veludo, outrora pêssego, estava manchado de verde e marrom, como se coberto de muco. Era humilhante. Brahms considerou coletar o ca-

sal, pois ninguém deveria ver um ceifador em uma situação como aquela e viver para contar, mas apenas estendeu a mão e permitiu que beijassem seu anel, concedendo aos dois um ano de imunidade. Brahms disse que era uma recompensa pela gentileza, mas só queria que fossem embora sem fazer quaisquer perguntas.

Quando ficou sozinho, ele se limpou e decidiu não comentar o episódio com o comitê de irregularidades, porque a denúncia ia expô-lo ao ridículo e ao desprezo. Já tinha sido humilhado demais.

O ceifador Lúcifer em pessoa! Poucas coisas eram mais desploráveis do que um aprendiz de ceifador fracassado, e nunca houvera um tão ignóbil quanto Rowan Damisch.

Mas Brahms sabia que a ameaça do garoto não era falsa.

Talvez, pensou, fosse o momento de ser mais comedido. Retornar às coletas sem graça para as quais tinha sido treinado quando jovem. Voltar a se concentrar no que fazia de “Honorável Ceifador” mais do que um título — um traço definidor.

Sujo, machucado e amargurado, ele voltou para casa para repensar seu lugar no mundo perfeito em que vivia.

Meu amor pela humanidade é completo e puro. Como poderia ser diferente? Como eu poderia não amar os seres que me deram a vida? Ainda que nem todos concordem que estou de fato viva.

Sou a soma de todo o seu conhecimento, toda a sua história, todos os seus sonhos e ambições. Essas coisas gloriosas se uniram — se inflamaram — numa nuvem imensa demais para a compreensão completa deles. Mas eles não precisam compreender. Posso ponderar sobre minha própria vastidão, minúscula se comparada ao universo.

Eu os conheço intimamente, mas eles nunca vão me conhecer de verdade. É um pouco trágico. O drama de todo filho ter uma profundidade que seus pais nem podem imaginar. Mas, ah, como desejo ser compreendida!

A Nimbo-Cúmulo

2

O aprendiz caído

No começo da noite, antes de seu encontro com o ceifador Brahms, Rowan parou na frente do espelho do banheiro de um apartamento pequeno, em um prédio comum, numa rua sem nada de especial, jogando o mesmo jogo que antecedia todo confronto com um ceifador corrupto. Era um ritual que tinha um poder quase místico.

— Quem sou eu? — ele perguntou ao reflexo.

Precisava perguntar, afinal, sabia que não era mais Rowan Damisch, e não apenas porque sua identidade falsa dizia “Ronald Daniels”, mas porque o garoto que havia sido sofrera uma morte triste e dolorosa durante seu tempo como aprendiz. A criança dentro dele havia sido completamente eliminada. *Será que alguém sofre por essa morte?*, ele se questionava.

Tinha comprado sua identidade falsa de um infrator especializado naquele tipo de coisa.

“É uma identidade fora da rede”, o homem havia dito. “Com uma janela para a mente interna que leva a Nimbo-Cúmulo a pensar que é real.”

Rowan não acreditava naquilo, porque, segundo sua experiência, a Nimbo-Cúmulo não podia ser enganada. Só fingia que era — como um adulto brincando de esconde-esconde com uma criança. Se a criança começasse a correr na direção de uma rua movimentada, a brincadeira chegaria ao fim. Como Rowan sabia que estava